

Recordando Moise Haïssinsky

Mario Giambiagi e Myriam Giambiagi

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150
22290-180 - Rio de Janeiro, RJ

“Um jovem curioso de mil coisas não deve, afinal, se parecer muito com um homem do Renascimento?”

Paul Valéry

1. Introdução

Em fevereiro de 1976 morria em Paris o ilustre cientista Moïse Haïssinsky, um dos fundadores da Química Nuclear na França, ou seja, passaram-se 20 anos. Voltar, ainda que brevemente a essa vida exemplar, tanto no aspecto científico, quanto no humano, enriquece aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo, aqueles que estudaram seus artigos ou consultaram seus livros e também aqueles mais jovens que talvez conheçam pouco - ou nada - de sua pessoa.

Não somos nós os mais indicados para escrever sobre a sua fecunda obra científica. Isso seria tarefa para o Prof. Jacques Danon, se ele vivesse, ou para a Prof.^a Micheline Nussenzveig: ambos foram seus diletos discípulos no “Institut du Radium”, em Paris, onde trabalharam em temas de eletroquímica e radioquímica. Embora tratemos dessa obra, destacaremos mais alguns aspectos de sua personalidade que entrevimos através de rápidos contatos pessoais ou epistolares.

2. Encontro no Rio

Em 1961 estávamos fazendo um estágio no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro. Transcorria o mês de julho e Haïssinsky havia ministrado um curso de três semanas no Instituto de Química da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife. Naquela época, em Recife, o “campus” da Universidade era no campo mesmo. A sala onde Haïssinsky fez as suas palestras era no térreo e uma vaca (daquelas magras, cuja carne não tem um pingo de colesterol) botou com interesse a cabeça pela janela. A palestra foi comentada repetidamente pelo bicho: muuu.... Em uma manhã de domingo Danon nos pediu que fôssemos buscá-lo no Aeroporto (teria o Danon ido à praia?). Vinha de Belo Horizonte e, na hora de sua chegada, lá estávamos junto aos nossos amigos Micheline Levi (então solteira) e Ricardo Ferreira. Ficamos surpresos e assustados ao vê-lo descer do avião com um enorme hematoma acima do olho direito: tinha sido picado por uma abelha africana. Passou no Rio - então uma cidade cordial, hospitaleira - apenas alguns dias e Micheline ocupou-se também do aspecto social, fazendo com ele os passeios tradicionais. Seu colóquio, naquele saudoso CBPF, congregou professores e alunos de diferentes áreas, impressionados pela clareza de sua exposição.

Nesses poucos dias, aproveitamos bem a sua presença para discutir problemas de química teórica (nossa área) e, em especial, a conhecida escala de eletronegatividades por ele introduzida [1].

Percebemos que Haïssinsky interessava-se muito pelo desenvolvimento científico de nossos países e que tinha consciência de seu papel nesse processo. Sofrera o impacto da miséria de Recife. Angustiava-se com o subdesenvolvimento econômico-social e tinha idéias claras acerca de suas motivações e também dos caminhos alternativos que os países do Terceiro Mundo deveriam percorrer para superar seus problemas.

Nós éramos então mais jovens e, quando Haïssinsky partiu, tivemos a sensação de que ele era simplesmente nosso amigo e não o cientista brilhante por nós conhecido.

3. As Cartas

“Um exilado é - por definição - aquele que perdeu seus papéis”, dizia um amigo uruguaio que morou no Rio nos anos 80. Quando residíamos em Buenos Aires mantínhamos correspondência com Haïssinsky; agora, ao pensar no destino daquela correspondência, lembramos da definição de nosso amigo... Porém, a nossa memória se mantém viva.

Foi através de uma dessas cartas que soubemos, por acaso, que Haïssinsky conhecia há muito tempo o nosso mestre, Prof. Félix Cernuschi, com quem aprendêramos no final da década de 50, o “métier” de cientista.

Em 1966, quando findava a “década de oro” da Universidade de Buenos Aires”, com a famosa “noche de los bastones largos”, o Prêmio Nobel Alfred Kastler e Haïssinsky prontificaram-se a nos conseguir um cargo no “Centre National de la Recherche Scientifique”; ambos empenharam todo o seu prestígio para esse fim.

Em mais de uma oportunidade solicitamos sua opinião crítica, antes de submeter um artigo a publicação. Sempre mostrou-se atencioso sem manifestar o menor sinal de impaciência.

Alguma vez lembrou-nos dos bons e maus momentos que passou no Brasil (estes últimos referindo-se à picada da abelha). Em outra carta, após comentários científicos, terminava assim, com o seu habitual afeto: “mais cedo ou mais tarde todo mundo passa por Paris; eu espero que isto ocorra com vocês em breve”.

O estilo de suas cartas revelava a sua personalidade: eram cálidas, generosas, transparentes.

4. A sua Atividade Científica

Pouco tempo antes de morrer, Haïssinsky escreveu um opúsculo sobre a sua atividade científica. O texto reflete de maneira exemplar tanto seu trabalho científico quanto sua filosofia de fazer ciência e o seu posicionamento em relação à ciência. Embora não estudemos em detalhe a sua obra, vale a pena nos determos em alguns tópicos de “Mon activité scientifique” [2].

Haïssinsky teve uma vida um tanto agitada, não isenta de vicissitudes espirituais e materiais. Nasceu em um povoado da Ucrânia (1898) [3], numa família de origem judaica. Desde cedo interessou-se pela matemática, bem como pelas línguas estrangeiras, que lhe foram úteis para defender-se na luta pela vida.

Em 1918 ingressou na Universidade de Karkov, cursando Psicologia. Logo em seguida, levado pelos ventos da Revolução de Outubro de 1917, aderiu ao Partido Comunista. No entanto, pouco tempo depois, desiludido - talvez porque a Revolução não se estendera por toda a Europa ou porque ele não estivesse certo de que na Rússia havia terminado o anti-semitismo latente - abandonou o Partido [3]. Partiu então para Israel, onde morou em um kibutz e, por não possuir nenhuma especialidade, teve que realizar rudes tarefas. Ali conheceu pessoas que, no futuro, se tornariam politicamente importantes, Ben Gurion entre elas. Mas também ficou decepcionado com Israel devido à política que esse Estado mantinha em relação aos árabes. Contudo, até o final da sua vida, como diz Magat, “... il est resté un idéaliste, attiré par le marxisme et attaché à la tradition juive...” [3].

Haïssinsky começou seus estudos de química na Universidade de Roma em 1924. Ali vivia da tradução de artigos do inglês ou do alemão para seus colegas. Lembra-se de ter traduzido um texto de F. Haber sobre a síntese do amoníaco, onde o autor tentava justificar a sua ajuda ao militarismo prussiano durante a Grande Guerra 1914-1918.

Foi um dos poucos que, nessa época, realizou em Roma uma tese experimental sobre a desulfuração dos sulfetos metálicos. Ele confirmou que o íon Ag^+ (previamente chamado de cátion “degenerado”) apresentava com frequência um comportamento anormal. Para interpretar esse comportamento teve que estudar a teoria das valências de Kossel, os octetos de Lagmuir e se reportar ao átomo de Bohr. Incentivado por seu orientador e por E. Fermi (que fora seu professor de matemática) preparou um fascículo sobre esses temas ao verificar, com espanto, que todas essas teorias eram muito pouco conhecidas. Quando enviou seu manuscrito para o editor, Hoepli, em Milão, foi-lhe sugerido que aumentasse o número de páginas porque não atingia a quantidade mínima de páginas necessárias para ser publicado nessa conhecida e bem sucedida coleção. Acrescentou então uns capítulos iniciais com generalidades e, no final, alguns tópicos novos como catálise heterogênea, espectros moleculares, etc.

Em abril de 1928, enquanto esperava a resposta de Hoepli, teve que abandonar a Itália fascista e ir para Paris. Na verdade, pensava em retornar à União Soviética e, caso isso não fosse possível, tentar obter uma bolsa Rockefeller para uma universidade dos Estados Unidos, através da apresentação do geneticista soviético N.I. Vasilov, de quem era admirador. Mas sua passagem por Paris demoraria muito mais do que imaginava; durou até a sua morte. Em Paris conheceu um jovem e culto operário comunista a quem falou do seu desejo de publicar -

eventualmente - seu fascículo em francês. Haïssinsky ficou perplexo com a resposta do jovem amigo: “mas vá então ver o Langevin”. Foi assim que Haïssinsky conheceu Langevin... Finalmente, Hoepli aceitou a publicação do livro, que apareceria em 1930, sob o título “L’Atomistica Moderna e la Chimica”. A tradução francesa recebeu em 1938, por iniciativa de Langevin, o prêmio François Hébert, outorgado pela “Académie des Sciences”.



O Professor Haïssinsky na sua sala, no “Institut du Radium”

Ao chegar a Paris, trabalhou inicialmente em laboratórios privados. Em 1930, com uma bolsa “Carnegie”, entrou no “Institut du Radium”, onde permaneceria praticamente até a sua morte em 1976. Sob a direção de Madame Curie, trabalhou em temas relativos à eletroquímica do polônio, continuação da tese de Frédéric Joliot. Em 1935 ganhou uma bolsa do CNRS, onde depois ocupou todas as posições até “Directeur de Recherches” .

Haïssinsky divide seus estudos radioquímicos em diversos grupos: a) eletroquímica de traçadores radioativos; b) radiocoloides, c) efeito Szilard e Chalmers; d) separação de elementos radioativos; e) polônio; f) proto-actínio (em que foi considerado um dos grandes especialistas mundiais); g) actínio; h) traçadores radiativos; i) absorção.

Haïssinsky destaca que, além dos problemas de radioatividade, sempre interessou-se pela classificação dos elementos no sistema periódico. Em particular, quando foram descobertos os primeiros transurânicos, ele se opôs a tratá-los como actínides - posição defendida por Q.T. Seaborg (Prêmio Nobel 1951), e a grande maioria - já que isso “não estava dentro do espírito da tabela periódica”. Ele preferia chamá-los de urânides.

Haïssinsky lembra com paixão dos períodos que passou na Itália e que tanta influência tiveram para ele no campo científico, nas artes e no âmbito geral da cultura. Sucedem-se em uma página, não sem certa nostalgia, as referências a Capri, Positano, Sorrento, Castellammare, Amalfi, Ravello.

Em 1952 foi convidado, em nome da “Accademia dei Lincei”, a proferir um ciclo de conferências em radioquímica para a Fundação Donegani: Surpreendeu-se porque, além dele, havia outros quatro conferencistas: Fermi, Segré, Ruzika e Calvin. Os três primeiros eram já Prêmio Nobel e o outro também o seria mais tarde. Haïssinsky comenta com humor que ou a Academia de Roma ou a de Estocolmo teria errado... Como resultado dessas conferências apareceu - em colaboração - a publicação “Sezioni di Radiochimica” (1956).

Em 1957 publicou na França, editada por Masson, uma obra mais completa, intitulada “La Chimie Nucléaire et ses Applications”. Este livro, talvez o mais importante de Haïssinsky, foi traduzido para diversas línguas e tem sido muito utilizado em universidades e institutos de pesquisa de todo o mundo. No prefácio desse texto discute se seria mais adequado que esse tipo de publicação fosse escrito por especialistas dos diversos temas tratados, ou por um só autor. Quase que desculpando-se, escolhe a segunda opção, embora agradeça a mais de 25 colegas a colaboração prestada e termina com uma emotiva homenagem a Irène Joliot, que acabava de falecer. Publicou (em colaboração) o “Dictionnaire Radiochimique” (1968), também traduzido para várias línguas.

Lembra que passou os anos de ocupação alemã na cidade de Lyon, onde não tinha condições para a pesquisa experimental e dedicou-se, então, a documentar-se e a refletir (!) sobre o trabalho realizado no Laboratório Curie nos anos anteriores à guerra. O que diriam os atuais administradores da ciência que medem por metros de “papers” a produtividade científica?! Mais tarde publicou um fascículo com essas reflexões: “L’electrochimie des substances radioactives”, traduzido ao japonês em 1960. Haïssinsky dedicou muitos esforços a fazer conferências e a publicar “reviews”, parecendo orgulhar-se disso, a julgar pela utilidade que representava para a comunidade científica internacional. Manifesta que, globalmente, satisfaziam-no mais suas pesquisas radioquímicas do que as de radiações em soluções aquosas. As primeiras permitiram-lhe realizar a sua personalidade. Quanto às segundas, faz uma severa autocrítica por ter trabalhado muito rapidamente para competir com pesquisadores de outros laboratórios.

Quase ao final do opúsculo dedica duas páginas a resumir as contribuições efetuadas “em grande parte graças à colaboração de uma centena de colegas, alunos e técnicos” nos campos da radioquímica e da química física. Mencionamos algumas:

- Descobrimto da valência IV do Pa, e muito provavelmente da valência II do Ac, dados essenciais para a ordenação das valências do Po.
- Contribuição importante ao conhecimento da química do Po e do Pa.
- Confirmação de uma velha anomalia química do Ac natural em uma amostra produzida artificialmente por irradiação de Ra e hipóteses sobre a presença de Pm em certos meios actíniferos.
- As pesquisas eletroquímicas radioativas conduziram-no a colocar em evidência a função essencial da heterogeneidade da superfície dos eletrodos no processo de formação de uma nova fase metálica e da caracterização semiquantitativa (diferenças dos potenciais teóricos, isothermas de partição, diminuição do alcance dos raios α).

Vejamos textualmente, pela lição que encerra, a seguinte consideração: “Ainda que a batalha por mim travada para uma correta classificação dos cis e trans-uranianos não tinha sido vencida, também não foi totalmente perdida, pois os promotores da teoria dos actínídeos tiveram que ceder terreno e reconhecer, ao contrário de suas posições iniciais, que os elementos 5f estão longe de ser quimicamente homólogos aos 4f; a descoberta das valências superiores dos uranídeos e do Cm e a valência II dos últimos elementos 5f confirmam, aliás, meu ponto de vista. Além disso, um certo número de físico-químicos finalmente aderiu às minhas posições, mesmo que nem todos o digam publicamente”.

- Extensão da escala de eletronegatividades de Pauling a todo o sistema periódico, aplicando-a à interpretação de diversas regularidades físico-químicas nesse sistema: ligação metálica, ligação -O-O-, trocas isotópicas, etc.
- Em eletroquímica geral interessou-se, principalmente, por processos anódicos e mostrou que a intervenção intermediária do H_2O_2 no anôdo era inviável e sugeriu o provável papel dos radicais OH e a dimerização dos ânions, o que mais tarde foi comprovado experimentalmente na URSS.

Foi o primeiro a adotar, desde 1953 [3], a teoria de Platzman sobre a formação de elétrons solvatados, o que lhe permitiu sugerir uma possível ação dos elétrons antes da sua hidratação.

Ao final de seu texto, Haïssinsky refere-se à sua filosofia do “métier” científico. Reflete sobre o valor intrínseco do trabalho científico e comenta que sente mais satisfação no curso do próprio trabalho do que nas repercussões do mesmo, não apenas porque lhe permite superar as dificuldades e dar a sensação de criar, mas também porque o subtrai do resto do mundo e seus problemas, proporcionando-lhe portanto a paz. “Nisso o trabalho científico aproxima-se do trabalho artístico”. Não se pense, porém, que Haïssinsky vivia isolado em uma “torre de marfim”. Como já vimos e veremos, não lhe eram indiferentes as inquietações e os problemas da realidade circundante. Aliás, solidário, em seu laboratório protegeu cientistas refugiados de diversos países.

Às vezes sentiu o gosto amargo da deslealdade de algum colega e ficou perplexo com a ambição de poder de outros. Contudo, os colaboradores e discípulos deram-lhe, em geral, grandes alegrias. O fato de não agir como um “patrão” criava ao seu redor uma cálida atmosfera, propícia ao trabalho científico.

5. Encontro em Buenos Aires

No mês de março de 1970 realizou-se em Buenos Aires um congresso internacional sobre “Efectos primarios de las radiaciones en química y biología”, organizado pela “Comisión Nacional de Energía Atómica” (CNEA). Participaram do mesmo importantes especialistas, como o Prof. M. Burton (Radiation Laboratory, University of Notre Dame, USA) o Prof. M. Haïssinsky (Laboratoire Curie, France) e o Prof. A.G. Maddock (Cambridge University, England).

O congresso tinha a duração de uma semana (de 2ª a 6ª feira) e, embora não fosse da nossa área de trabalho, nós lá estávamos logo no primeiro dia, às 8 horas da manhã, na sede da CNEA, diante da árdua tarefa de abraçar o nosso velho conhecido. Árdua porque Haïssinsky estava rodeado de muitos colegas que desejavam conhecê-lo pessoalmente ou tornar a vê-lo; foi a estrela do congresso. Tínhamos muito para conversar, não apenas de ciência, mas também de literatura, política, direitos humanos... Era a época em que muitos cientistas argentinos tiveram que emigrar, após o “ciclo de oro” da “Universidade de Buenos Aires”, encerrado em meados de 1966; outros estavam condenados a um exílio interno, dentro da Argentina. Era a época mais escura da repressão no Brasil, quando importantes cientistas como os Profs. Haity Moussatché, José Leite Lopes, Herman Lent, Mário Schenberg, Luiz Hildebrando Pereira, Florestan Fernandes e tantos outros tinham sido compulsoriamente afastados de suas atividades e muitos deles obrigados a abandonar o país. Haïssinsky era sensível a esses problemas.

O nosso visitante tirou uma agenda do bolso, olhou seus compromissos e nos disse: “tenho livre o dia de sábado”. Assim combinamos o nosso encontro.

As atividades do congresso desenvolviam-se em um hotel no centro. Num determinado dia apresentou-se na secretaria do congresso Ernesto Sábato, diante do espanto de vários cientistas - alguns jovens e outros nem tanto - que não conheciam o passado científico do escritor. Procurava informar-se sobre onde estava hospedado Haïssinsky, pois desejava fazer uma surpresa ao professor do “Laboratoire Curie”. Vale a pena recordar que Sábato ganhara uma bolsa em 1938 para pesquisar nessa instituição. Na noite da 6ª feira que antecedia o nosso compromisso recebemos um telefonema de Sábato, solicitando que mudássemos a data do encontro, porque ele dispunha do barco de um amigo para dar um passeio no próprio sábado. Explicamos a ele o motivo principal do encontro com Haïssinsky, ou seja, contar-lhe em detalhe a perseguição política sofrida pelos cientistas latino-americanos, em particular os argentinos e brasileiros. Sábato, com a sua proverbial nobreza, disse-nos: “Sim, o que vocês têm para falar é muito mais importante”. Por sinal, Sábato esteve - e está - muito reconhecido a Haïssinsky pela compreensão manifestada quando atravessava uma crise existencial que o afastou definitivamente da ciência e o levou para a literatura nos anos 40 [4]. Essa atitude contrastava com a de alguns cientistas, em particular a do Prof. Bernardo Houssay (Prêmio Nobel em 1947), que praticamente deixou de cumprimentá-lo [4].

No sábado passamos cedo pelo hotel. Era uma manhã ensolarada em Buenos Aires e Haïssinsky estava bem disposto para conhecer algo da cidade. Fomos por “el bajo”, tradicional percurso de Buenos Aires. Gostou da “Avenida del Libertador”, essa longa e larga avenida cheia de verdes jardins alfombrados com pedregulhos e os jacarandás que tanto

embelezam o passeio quando florescem, no início da primavera. Olhava para todos os lados e perguntava com insaciável curiosidade. Mostramos-lhe alguns monumentos, como a estátua eqüestre feita por Bourdelle e nos detivemos longamente no admirável Sarmiento de Rodin, erigido nos jardins de Palermo. Continuamos o roteiro e paramos na “Plaza de Belgrano”. Ali ergue-se a “Iglesia de la Inmaculada Concepción”, mais conhecida como “la redonda”, por estar construída sobre um círculo (é a única igreja circular de Buenos Aires). Atrás da igreja encontra-se a “recova”¹ que, além do sabor colonial, interessou-o por ter transcorrido ali a parte fundamental do famoso “Informe sobre los ciegos” na novela “Sobre Héroes y Tumbas”, de Sábato. Comentamos o livro, que ele conhecia na versão francesa.

Continuamos o nosso caminho em direção ao norte de Buenos Aires, procurando os seus subúrbios residenciais. Assombrou-se com as casas senhoriais do bairro “Lomas de San Isidro”. Levantava-se ali a elegante casa da escritora Victoria Ocampo, fundadora da revista “Sur”, de relevância continental. Victoria hospedava escritores vindos de diferentes lugares do mundo, desde Rabindranath Tagore, até o ensaísta norte-americano Waldo Frank.

Finalmente, entramos em um agradável restaurante, próximo ao rio, para almoçar. Enquanto estudava o cardápio, com prazer de “gourmet”, apressou-se a degustar um bom vinho argentino. Nesse momento, pingou nos olhos umas gotas de colírio e comentou: “ainda conseqüências da picada de Belo Horizonte” e já se tinham passado 9 anos! A conversa foi longa, demorada, relaxante.

Falamos de muitas coisas e, obviamente, a temática científica esteve presente. Conhecia não só os problemas da sua área de pesquisa; motivavam-no - empolgavam-no - assuntos de outros domínios da ciência que acompanhava através da bibliografia. Preocupava-se com a atitude moral dos cientistas. Em certa oportunidade, contou-nos, um colega apresentou-lhe um manuscrito de um trabalho que tinham realizado juntos. Surpreso, ele viu que, além da assinatura do colega, aparecia a de sua esposa. Haïssinsky então reagiu: “Eu sabia que era sua esposa, mas o que ela tem a ver com o nosso trabalho?” Haïssinsky era de uma grande honestidade intelectual e muito rígido nestas questões que, ainda hoje, estremecem o correto comportamento científico.

A política também foi tema do almoço, num momento difícil para o Brasil e Argentina; mencionamos o compromisso dos intelectuais - em especial dos cientistas - com os problemas sociais e políticos. A esse respeito, comentou a atitude de um cientista francês, lembrando que era de esquerda. E acrescentou, quase como se tratasse de um axioma; “não imagino um cientista que não seja politicamente de esquerda”.

Conversamos bastante sobre a obra de André Malraux, escritor e homem pelo qual sentia particular fascínio. E, a propósito da posição política do autor de “La condition humaine”, nessa época participando do governo De Gaulle expressou: “quel dommage!”.

Depois os tópicos culturais concentraram-se no Brasil e na Argentina. Sentia-se atraído pelos escritores e movimentos literários de nossos países. Tinha uma dimensão cultural abrangente. Era um verdadeiro humanista, por isso, assemelhava-se a um homem do renascimento.

¹“recova”: em Argentina, Paraguai e Uruguai é o nome dado à calçada coberta com uma fileira de colunas (Diccionario Kapeluz de la lengua española; prólogo e organização a cargo de Angel J. Battistessa).

Voltamos a Sábato, um tema recorrente naquele almoço em Buenos Aires. Dizia: “não se preocupem porque não foi possível concretizar hoje o encontro com Sábato. Ele viaja com frequência a Paris e, sem falsa modéstia, pode me localizar, embora não tenha meu endereço...” Falava de Sábato com o carinho de um professor por um discípulo querido.

Esticamos muito a sobremesa e o restaurante acabou ficando deserto. Quando empreendemos o regresso ao hotel, naquela tarde tranqüila, o sol caía sobre a cidade de Buenos Aires.

Despedimo-nos com a sensação de ter passado um dia com um homem de espírito superior, aberto a todas as inquietações, em busca apaixonada da verdade na ciência, na arte, na vida.

6. “Museo del Prado”

A nossa geração latinoamericana - bem como a anterior - viveu muito marcada pela Guerra Civil Espanhola. O sentimento antifascista acentuou-se com a vitória do franquismo e a 2ª Guerra Mundial. Tínhamos comentado isso com Haïssinsky por ocasião do nosso encontro em Buenos Aires.

Era para nós uma sentença quase religiosa que só poderíamos viajar para a Espanha depois da queda do franquismo, o que deveria acontecer - prevíamos - com a morte de Franco. Haïssinsky concordou conosco mas, com o rosto grave, sério, inclinou-se e falou-nos em voz baixa: “Eu devo fazer uma confissão: eu não queria morrer sem voltar a ver o Museu do Prado. Uma vez, vindo de um congresso em Marrocos, numa escala em Madrid, desci do avião, peguei um taxi e fui até o museu”.

No dia 20 de novembro de 1975 morria Franco em Madrid, após uma longa agonia. Em fins de janeiro - ou início de fevereiro - de 1976 escrevemos, alegres, uma carta a Haïssinsky onde lhe dizíamos: “... agora o senhor poderá visitar o Museu do Prado com a consciência tranqüila”. Imaginávamos a ele, ali, pequeno, diante das colunatas de granito azulado, feliz, entrando naquele museu que tanto amava.

Nesse mês de fevereiro de 1976, passados hoje mais de vinte anos, recebemos uma carta do filho Jacques, onde nos comunicava, em frase lacônica: “meu pai faleceu no dia 9 de fevereiro”. E assim o Prof. Moïse Haïssinsky não pôde voltar ao Museu do Prado...

Este trabalho beneficiou-se com a colaboração de vários amigos aos quais agradecemos: Micheline Nussenzveig nos cedeu material inédito sobre o Prof. Haïssinsky, Roberto Moreira leu e comentou o trabalho, Marcelo Souza Fortes ajudou na pesquisa bibliográfica.

REFERÊNCIAS

- [1] M. Haïssinsky, J. Phys. Radium, 7, **7** (1946).
- [2] M. Haïssinsky: “Mon activité scientifique”, inédito, cedido gentilmente por Micheline Nussenzeig.
- [3] M. Magat, J. Chim. Phys., 73, 923 (1976).
- [4] E. Sábato, comunicação pessoal.